

O popular nosso de cada dia...

COMIDA POPULAR, carro popular, farmácia popular, até música popular. Quando o assunto é mostrar acessibilidade tudo passa a ser associado ao termo que, ao mesmo tempo, é utilizado em discursos políticos para designar toda uma nação. Mas, afinal, o que entendemos hoje pela palavra que é capaz de excluir e englobar, confundindo desde estudantes até especialistas da língua?

PEDRO MOTTA E LAÍS BOTELHO

A pesar de ser utilizada desde a Antiguidade, a palavra popular foi ganhando uma plasticidade conceitual ao longo do tempo: teve seu marco na tradição e veio sendo reformada de acordo com as atuais exigências. A confusão no uso é confirmada pela socióloga e doutora em Comunicação, Ilana Strozenberg. Para ela, o termo popular é uma categoria do discurso, uma construção cultural, que adquire significados distintos em contextos distintos. No caso da cultura brasileira, a ideia de popular estaria tradicionalmente associada a grupos situados em

camadas inferiores da sociedade, seja do ponto de vista econômico, político ou social. Assim, o que é dito popular se refere a uma camada específica da sociedade, e não à população como um todo.

Mas, como não se trata de um conceito, os valores associados à noção de popular variam de acordo com o contexto em que são utilizados. Para a especialista, podem estar associados a condições de falta – como ignorância (falta de conhecimento), pobreza (falta de recursos econômicos) ou ainda a valores positivamente valorizados – como autenticidade (como no caso da valorização da cultura popular, entendida como “de raiz”).

O popular na história

A palavra começou a tomar forma na Idade Média. Para a antropóloga Santuza Naves, da PUC-Rio, a procura por justiça, afirmação e construção de uma identidade nacional nos movimentos de contestação desse período foram decisivas para a criação do termo. Este aspecto passou a ser esboçado em comunidades antigas, como a judaica: “A Bíblia, por exemplo, tem diversas passagens que demonstram as revoltas populares como no caso da cobrança do dízimo e do acúmulo de terras pela Igreja”, exemplifica a especialista.

Já na Modernidade a situação se repetiria, mas ganhando características próprias. As lutas para derrubar a situação política dominante é o principal exemplo. Dentre as

revoluções liberais modernas, a antropóloga destaca a Revolução Francesa, que colocou em foco as classes mais simples da sociedade, as classes populares. Situação essa que voltaria a acontecer com o pensador Karl Marx, que ao escrever o Manifesto comunista deu voz à classe proletária, fecundando os movimentos de libertação em todo o século XX.

O século XX traria o “popular” para as plataformas políticas. A Insurreição Comunista de 1935, no Brasil, como cita a antropóloga, se orienta por um programa de governo popular nacional revolucionário. Nesse caso, o termo se referiria ao interesse das grandes massas. O conceito assim é trocado, o que até então estava relacionado ao povo subalterno em busca de espaço

na sociedade, torna-se o centro de questões importantes do discurso político.

Toda essa questão conceitual, também passa pelo universo da comunicação. Para Naves, dentro dos movimentos sociais ao longo da história, o “popular” ganha diferentes concepções quando, por exemplo, é associado às manifestações culturais. As crenças, festas, danças, ritos, entre outros, tornam-se um produto do povo e se concretizam no tempo: “O popular nesse sentido está ligado a um passado, a uma tradição imutável, que é lembrada com riqueza e que enobrece os autores e a história de uma sociedade”. Mas essa cultura popular, no universo moderno, acabou misturando-se a outro “conceito”: ao de cultura de massa.

